

Simpósio Temático:

Novos mapas e mapeamentos urbanos: alternativas para a análise e a representação das cidades em abordagem interdisciplinar

Título do trabalho: **Utopografias**

Adriana Caúla.

Arquiteta e urbanista pela FAU-UFRJ, especialista em Comunicação e Imagem pela PUC-Rio, mestre em Urbanismo pelo PROURB/UFRJ e doutora em Urbanismo pelo PPG-AU/UFBA

Resumo

O trabalho consiste numa investigação sobre a utopia, mais especificamente sobre as utopias urbanas e suas imagens em três campos da arte: urbanismo, hq's e o cinema. A aproximação das utopias urbanas criadas pelos três campos é tomada como um direcionamento para a compreensão da reflexão sobre a cidade e toda sua complexidade, ampliando o pensamento urbano numa tentativa de contribuir para a intensificação das trocas, dos debates, das aberturas. A pesquisa toma estes outros lugares como importantes instrumentos de reflexão, parte de um processo crítico que se utiliza da lateralidade, da invenção livre de formas, da variabilidade de enfoques, meios e modos de expressão para pensar sobre a cidade. A pesquisa segue um percurso associado à criação de imagens nos três campos em questão e toma a utopia como uma forma de pensar que perpassa vários campos do conhecimento. Este trabalho busca outras entradas e saídas do pensamento sobre as cidades através da criação de utopias urbanas. É percebido um movimento de ida e vinda de idéias, teorias e imagens que não reconhecem limites e intenta-se mostrar como existem ligações, conexões, aproximações e trocas pouco exploradas. Seguindo este movimento busca-se por conexões e articulações entre as diferentes produções criando uma cartografia das imagens das utopias urbanas mostrando-as como um entrelaçamento simultâneo independente do campo de produção e evidenciando assim a circulação e a influência entre campos distintos num esforço de seguir um pensamento por imagens. Criamos uma cartografia das utopias urbanas, uma *utopografia*, encarando a criação das utopias como um fluxo, um jogo inventivo e dinâmico que envolve vários campos de saber, outras formas de pensar e criar.

Utopografias

Apresentação

Este trabalho é parte da pesquisa que foi desenvolvida durante o doutoramento em Urbanismo pelo PPG-AU/UFBA. Nesta pesquisa persegui a utopia, mais especificamente as utopias urbanas (definição que vou expor um pouco mais adiante), mas direcionando esta busca a três universos, três campos da arte: urbanismo, hq's e o cinema, com destaque à criação de imagens utópicas nestes campos em questão.

Esta escolha foi feita ciente de que existem muitos caminhos possíveis quando se escolhe este tema e que vários outros campos têm a utopia como tema caro, como por exemplo, a teoria política, mas proponho aqui, um percurso associado à criação de imagens utópicas. Afinal, nossa cultura não estoca sua história apenas em palavras e textos, mas igualmente em imagens (e hoje, notoriamente, fazemos parte de uma civilização da imagem).

Alguns dos principais questionamentos que perpassam o trabalho são:

A criação de utopias urbanas tomada como um desafio intelectual, pode ser considerada como instrumento crítico capaz de contribuir com a problematização sobre as cidades?

Como se dá a trajetória da criação de utopias urbanas pelos campos disciplinares em questão?

Como estas criações se articulam, se conectam com o pensamento utópico, com a produção do próprio campo e dos outros campos?

E ainda coloco não exatamente um questionamento, mas uma inquietação pessoal frente ao meu campo de formação e de atuação profissional, o urbanismo, no qual percebo uma tendência muito forte ao fechamento, uma predominância ao isolamento de uma forma geral, tanto no campo prático, como no campo teórico. E esta inquietude aumenta frente ao visível descolamento entre prática e teoria (com raras exceções) e ao desaparecimento do exercício crítico de criação de utopias urbanas.

Impulsionados por estes questionamentos iniciamos o trabalho tendo em vista alguns objetivos como:

Mostrar a utopia como uma forma de pensar que perpassa várias disciplinas, sendo ela importante forma de ressonância e reflexão.

Cartografar as imagens das utopias urbanas para mostrá-las como um entrelaçamento simultâneo independente do campo de produção, na tentativa de enxergar as conexões, a circulação e influência entre diferentes disciplinas.

Aproximar diferentes campos da arte, no caso urbanismo, hq's e cinema, como um direcionamento para a compreensão da reflexão sobre a cidade e toda sua complexidade, ampliando o pensamento urbano, numa tentativa de contribuir para a intensificação das trocas, dos debates, das aberturas.

E percebendo a ida e vinda de ideias, teorias e imagens que não reconhecem limites disciplinares, mostrar como existem ligações, conexões, aproximações e trocas pouco exploradas, buscando a compreensão das diferentes formas de pensar como processos permeáveis, como fluxos estando sempre em transformação contínua.

Utopia, Utopias

Utopia é uma invenção, uma construção feita por Thomas More em 1516, um neologismo que dá nome à sua ilha e obra homônima. A busca pela origem da palavra utopia nos leva a incongruências e disparidades e vimos que mesmo após cinco séculos desde sua criação não há senso comum referente à própria palavra o

que com o avançar da pesquisa se estendeu à noção, à significação e ao conceito de utopia.

Colocando brevemente as razões para a imprecisão da palavra que perdura até hoje: More criou utopia através da junção do prefixo grego *u-* com o sufixo *-topia* que significa lugar. Toda discussão gira em torno do prefixo, considerado por alguns autores como *ou-*, significando não e por outros autores como *eu-* significando bom. Assim utopia é tomada como não-lugar ou como bom-lugar. E ainda, outra corrente de autores considera os dois prefixos, concomitantemente, fazendo de utopia uma palavra paradoxal, tendo duplo sentido.

Toda a pesquisa e todas as leituras feitas relativas à utopia nos levaram a perceber e considerar sua trajetória como movente, modificável. Frente a tantas imprecisões e aberturas, certos autores consideram estas, causas para a perda de força e sentido. Mas para nós, é nesta dinâmica que reside justamente a força da utopia, que como potência criadora abre-se ao livre pensar.

Assim como as expressões utópicas, o termo e a própria noção de utopia mostram-se inconstantes pelas suas suscetíveis ressignificações, assim como seu conceito, atualizado a cada aparição, afinal uma simples e única definição de utopia e um conceito fechado não seriam capazes de se encaixarem diferentes tempos e lugares, o que pode ser visto com o grande número de termos (que levantados por nós chegaram a 15), termos estes que foram sendo construídos e associados à utopia, às disparidades de conceitos apresentados.

Levando em conta as considerações, discussões e problemáticas trazidas por vários autores que se dedicam (ou se dedicaram) à utopia, associadas à complexa problemática que a palavra e o conceito trazem consigo, assumiremos a abertura da utopia. Acreditamos que desta forma estaremos clarificando nossa postura ao assumir as suas variedades, as suas diferentes formas de expressão em diferentes tempos e campos.

Tanto assignificações como os tratamentos e temáticas associadas à utopia vão sofrendo influências relacionadas ao período histórico, campo de produção e interlocutores, resultando tanto em significados e conceitos restritos, unívocos em certos momentos, como amplos, heterogêneos, contraditórios e pluridisciplinares em outros momentos. A utopia é constantemente atualizada e suas expressões são indissociáveis aos seus contextos de criação.

Compreendemos que a utopia, suas noções e definições vieram ao longo do tempo sofrendo modificações, recebendo agregações, se transformando frente aos acontecimentos, tornando-se cada vez mais difíceis de delimitar. A utopia caracteriza-se não só pela extensa abertura, assim como por indecisões e incertezas. A profusão de abordagens e de temáticas envolvidas indica as ressonâncias, esvanecimentos e transformações. São incontáveis as produções e expressões ligadas à utopia. Estas se estendem a diversos campos de saber, às diversas formas de pensar e criar e entendemos estas criações como expressões do pensamento enquanto heterogênese, como diriam DELEUZE e GUATTARI.

Podemos considerar a utopia como outra forma de pensar, um processo que se instala no fora, afinal ela traça seu próprio território, cria espaços laterais, espaços outros. A constante característica da utopia é apresentar-se sempre como condicional, como possibilidade. Utopia é uma potência criadora que, retomando o vocabulário de DELEUZE E GUATTARI, desterritorializa, cria outro plano, inventa.

São muitas as expressões utópicas produzidas nos últimos cinco séculos, desde a fundadora obra literária *Utopia* de Thomas More (1516). Estas expressões apresentam-se sempre diferentes, não constroem ou seguem um quadro único, um viés comum e muitas vezes surgem contrárias a si próprias, escapando de uma unidade ou uniformidade. As expressões utópicas podem ser aproximadas de acordo com as intenções, conteúdo, processos, métodos, origens, efeitos ou ainda

interesses. Esse conjunto de multiplicidades é o que faz da produção utópica material tão complexo, amplo e interessante. Frente a todo este percurso e percepções iremos nos referir sempre a utopias – no plural – deixando bem clara a nossa abertura frente ao termo.

Utopias urbanas e suas imagens

Dentro da vasta produção de expressões utópicas, nos interessam primeiramente aquelas criadas nos campos da arte e que definimos como utopias urbanas.

As cidades têm se mostrado como essenciais na composição de obras utópicas e a criação de outras espacialidades tem estado presente na maior parte de suas expressões. É a tomada da cidade como criação principal que para nós define uma utopia urbana. Utopias urbanas são as invenções que tomam o urbano como ambiente/criação principal e essencial, são expressões críticas focadas em concepções espaciais, na invenção de cidades que não existem, obras que constroem outras cidades, criam espaços laterais, não-lugares.

As utopias urbanas criam cidades que não existem e tomamos estes não lugares como importantes instrumentos de reflexão, como parte de um processo crítico que se utiliza da lateralidade, da invenção livre de formas, da variabilidade de enfoques, meios e modos de expressão para pensar sobre a cidade.

Percebemos um constante exercício de criação de imagens utópicas urbanas presente nos vários campos: urbanismo, HQ's e cinema estão repletos de imagens de outros lugares, de imagens de lugar nenhum. Estas imagens mostram-se saturadas de informações, explicitam relações, valores, composições únicas, surgindo como invenções. Entendemos a criação de imagens nas utopias urbanas, não só como construções de outras espacialidades, mas como espaços dinâmicos e interconectados que envolvem resistência, contestação de práticas, processos, situações e acontecimentos. As imagens são formas, meios de comunicação, meios de expressão artística que fazem parte de todos os campos em questão.

Sendo a imagem um meio de expressão comum aos campos, é através delas e de suas composições que podemos buscar conexões e aproximações para entender as diferenciações do pensamento utópico, sua relação com as cidades e o esforço em seguir também um pensamento por imagens, o qual acreditamos ser pouco explorado. As imagens, resultado de um ato de criação ligado ao contexto que o envolve, podem ser encaradas como importantes expressões de um processo de pensamento, mostram-se como um interessante material de reflexão, análise e de problematização, afinal como colocaram DLELEUZE E GUATTARI, “pensamento é criação”.

O ato de criação, de invenção de imagens utópicas urbanas, nasce do desejo e carrega em si uma capacidade de contestação, crítica e de resistência. Crítica, desejo e resistência são por nós considerados os três dispositivos de criação das utopias urbanas. A criação reage aos ambientes e aos acontecimentos que as circundam, sejam disciplinares, políticos, geográficos, históricos... Não apenas os conteúdos como as formas, as composições das utopias urbanas ressoam os contextos da época. De forma geral as utopias são contestadoras, são resistências que exprimem suas críticas ao mundo, o desejo de mudança e de transformação, abrindo todo um campo de possibilidades.

As utopias urbanas nunca se apresentam da mesma forma, elas estão em constante transformação, formam um verdadeiro fluxo de imagens inventadas que sofrem processos de atualização, numa espécie de criação contínua que se repete gerando diferenciações.

São imagens de cidades que jamais foram vividas e que nunca o serão. As imagens das utopias urbanas são imagens livres. Estas imagens dispersam-se em

todas as direções, perpassam e penetram todos os campos da arte, tomando posições em vários tempos e lugares.

Inicialmente foi no campo da literatura que as utopias urbanas e suas imagens (descritas) foram inicialmente criadas. A imagem utópica é uma criação nascida na literatura, da palavra escrita, ou ainda, fundada sobre imagens mentais. São as palavras utópicas que formam as imagens primeiras. A literatura foi tomada por nós como ponto de partida por ter sido a disciplina onde o termo utopia foi criado e ainda, foi na literatura que o pensamento utópico se desenvolveu primeiramente.

As primeiras utopias urbanas (literárias) foram responsáveis pela criação de um vasto “repertório” utópico de composição, um repertório de componentes que se tornou constante e variante nas criações de utopias urbanas. Este é um fato importante, pois esta interessante (e pouco evidenciada) circulação de idéias e imagens, inicialmente encubada no campo literário, vai se espalhando e alcançando outros campos artísticos, como uma forma de contaminação.

Os relatos de viagem e romances literários no princípio e depois ficções desenhadas dos quadrinhos e imagens projetadas (aqui nos dois sentidos: urbanismo e cinema), são diferentes formas de expressão das utopias, são criações que procuram o fora, a lateralidade instalando-se no terreno do possível (e não da realidade), espaço de resistência e livre à construção crítica, onde se mantêm como condicionais.

As utopias urbanas se constituem como um desvio, uma esQUIVA para fora, criações que partem de uma visão crítica da ordem histórica na qual ela está inserida para se instalar num outro espaço lateral. A instalação no fora permite a livre criação, onde as utopias urbanas encontram seu lugar.

A grande variedade de expressões e de abordagens das utopias urbanas clarifica esta constante ligação com o meio, com sua época. As utopias urbanas não seguem modelos ou fórmulas, não se fixam sobre uma escala, elas associam possíveis e impossíveis e produzem variedades de imagens. Um dos paradoxos das utopias (senão o maior) é que elas tocam o real através do mundo do artifício (SCHÈRER, 2007). A utopia crítica, analisa e revela fazendo estourar as mediocridades e defeitos do nosso vivido, ela vem de fora e instala-se por entre nós revelando o que não vai bem.

As utopias urbanas são contestadoras, através de sua criação e da composição de suas imagens as frustrações frente ao estado das coisas são expressas de forma crítica, resistem às imposições, à imobilidade e à estagnação e abrem sempre novas fugas, criam outros lugares, trazem novas ideias, mostram outras visões. Podemos considerar que as utopias formam uma rede, se relacionam, estabelecem conexões, trocas e como afirmou DELEUZE (1992), a função da rede é resistir e criar.

Com relação ao desejo, este só pode ser compreendido a partir da categoria de “produção” segundo LEFEBVRE (1974). O desejo não depende de uma falta, desejar não é ter falta de alguma coisa, o desejo produz, objetiva, funciona como mecanismo, estabelece ligações entre as coisas.

As utopias urbanas são mundos criados, uma seleção investida por desejos, forças, potências e poderes em conflito, dominações, atrações, explorações, abusos, paixões e todos os outros afetos de que o ser-humano é capaz. As artes têm meios e métodos diferentes na criação de imagens, assim como cada autor e tomamos esta variabilidade e variedade como característica essencial para a impressão de uma forma de ritmo, assim como de diferenciação na produção das utopias urbanas.

A criação de utopias urbanas, de cidades que apenas existem em imagens, é reconhecida por nós pela sua função crítica. Afinal, retomando nossos questionamentos, a criação de outro lugar não seria uma forma efetiva de

contestação? E ainda, não seria através das utopias urbanas que poderíamos acompanhar a problematização e o pensamento contínuo e sempre contextualizado de nossas cidades, considerando que as utopias (e suas expressões) estão sempre relacionadas ao meio presente?

Não há nenhuma vocação nas utopias urbanas de tornarem-se reais, de serem realizadas, mas bem o contrário a vocação das utopias urbanas é sua criação contra a realidade, se afirmar e resistir frente à realidade (DADOUN, 2000). Sua ação é crítica e resistente e se mantém na produção, na criação, não na realização. As utopias urbanas colocam em discussão as práticas, resistem às ordens vigentes, aos dogmas, são diferenças criadas que transgridem o estabelecido.

De acordo com Michel RAGON (1986) o pior que poderia acontecer às utopias urbanas seria a sua fixação. Enquanto RAGON trata este caráter fixista como uma alienação, pra nós a fixação na verdade é a aniquilação das utopias urbanas. Neste sentido ressaltamos o fato de considerarmos a transformação de muitas das utopias criadas - principalmente no campo do urbanismo - em modelos, da reversão de utopias em realizações como sua partida em linhas de destruição. Esta forma de captura faz com que todo o sentido da criação utópica seja destruído, a transformação de uma utopia urbana em realidade acaba gerando desastres, grandes experiências falhas, afirma a interessante colocação de RAGON:

« Rousseau no poder torna-se Robespierre. O Falanstério de Fourier institucionalizado torna-se as casas comunais da URSS. A Icária de Cabet, tomada ao pé da letra, conduz ao Goulag (compo soviético de trabalho forçado). A VilleRadieuse (Cidade Radiosa) de Le Corbusier, vista pela administração se metamorfoseia nos grandes conjuntos habitacionais ».

As utopias urbanas definem elas próprias os seus não-lugares, não tendo nenhuma destas criações nenhuma vocação à ser revertida em realidade, elas jamais se deixarão reduzir a um quadro restrito materializado, seja ele qual for.

As utopias são sempre (im)possibilidades, lateralidades que permanecem como tal, são devires, criações outras, diferenciações que não se deixam agrupar nem fixar. "Utopias são devires no sentido em que permanecem sempre no condicional, são cidades que poderiam ser (...) que contestam ao mesmo tempo tanto o modelo como a cópia" (DELEUZE, 1969). A força das utopias urbanas está na sua constante transformação, em sua trajetória movimentada, na sua incessante (re)invenção a cada presente que passa e em sua distribuição por vários campos, por várias disciplinas. A criação de utopias urbanas e de suas imagens nos campos da arte pode ser considerada como produção de diferenças a partir de repetições, de movimentos, de atos criadores.

Utopografias

Os movimentos das utopias se dão, da mesma forma, pela sua recusa de fechamento, de reversão em modelo, de aprisionamento em um sistema e ainda em um bloco único. Ao acompanharmos a criação de utopias urbanas, identificamos sucessivas tentativas de classificação que levaram a um agrupamento de expressões muito diferentes. Muitas vezes estas aproximações e fechamentos foram feitos guiados por interesses práticos, por modos utilitários ou ainda pela procura de semelhanças e estas classificações e agrupamentos acabaram sempre se mostrando insuficientes na incapacidade de acompanhar a dinâmica e a mutabilidade das criações.

As utopias urbanas não se mantêm imóveis atravessando de alguma forma o tempo. Estas criações são dinâmicas, são atualizações reagindo ao meio, sendo (re)inventadas, assumindo novas formas, rompendo fronteiras, espalhando-se por diferentes campos, escapando à imobilidade e à estática. Os movimentos das utopias urbanas podem ser percebidos ao cartografarmos as suas expressões em

diferentes campos e em diferentes momentos. Para nós, as utopias urbanas circulam e se distribuem nomadicamente e sendo encaradas como um processo, elas se transformam, se modificam, são figuras dinâmicas, são fluxos.

O nômade é aquele que transgride todas as fronteiras, que se abre em sua fluidez e em seu movimento se distribuindo por toda parte, características que atribuímos às utopias e particularmente à imagens das utopias urbanas. Arquitetos urbanistas, cineastas, artistas de HQ's têm a possibilidade de assumir um estatuto quase nômade eles próprios. Eles podem ir de um ponto a outro por intermédio de canais, já que a imagem é livre, transpõe campos e perpassa diferentes disciplinas.

Na tentativa de visualizarmos estes movimentos das utopias, estabelecemos duas entradas: a primeira feita por campo e a segunda, seguindo tipos. Assim pretendemos evidenciar as utopias como um fluxo, um processo, ao qual é indissociável a ideia de movimento. A primeira forma de entrada mostra o processo de criação de utopias urbanas dentro de cada campo disciplinar em questão, explicitando o dinamismo de suas criações e composições, enquanto a segunda mostra como a criação das utopias urbanas se estende a vários campos da arte e como o pensamento utópico estabelece uma malha, uma rede de conexões, de relações e de trocas.

Mas antes de mostrarmos exemplos, explicaremos as ferramentas criadas para nossa abordagem.

Inspirados no jogo de palavras de Thomas More, criamos outras duas palavras: utopografia e tipias.

Utopografia é resultado de um jogo de palavras criado por nós com a associação de utopia + cartografia e/ou utopia + tipografia. Sendo cartografia a “arte de compor cartas geográficas”, uma primeira definição de *utopografia* seria a arte de compor os mapas das utopias e ainda, sendo a tipografia a “arte de compor e imprimir com tipos”, *utopografia* seria também definida como a arte de compor com *tipias*. Isto nos leva às *tipias*, palavra criada por nós para identificação dos *tipos* da utopia (sendo *tipo* o “nome que se aplica genericamente a todo material de compor”). Baseados nestas definições, nosso jogo neológico resulta numa dupla significação para tanto para *utopografia* como para *tipia*, sendo então:

u.to.po.gra.fi.a *sf* (ou+topo³+grafo¹+ia¹) **1** Arte de cartografar as utopias urbanas. **2** Arte de compor com tipias.

ti.pi.a *sf* (tipo+ia¹) **1** Nome que se aplica ao material de composição criado nas utopias. **2** Elemento visual dinâmico componente das imagens das utopias.

Nossa *utopografia* consiste na ação inicial de cartografar as utopias urbanas criadas por quatro campos da arte: literatura, urbanismo, HQ's e cinema. Esta composição tem como objetivo primeiro, o traçado de nossa base cartográfica, considerando que as utopias traçam seu próprio território. Sobre esta base, tomando como guia as imagens compostas pelas utopias urbanas, identificamos as *tipias*. As *tipias* são criações características das utopias, elementos identificados por nós como material de composição utópica. Este material, num primeiro momento, é formado pela literatura, campo artístico onde a utopia foi criada. Sendo a literatura criadora de obras textuais, este primeiro material é descrito. A produção literária, caracteristicamente diversificada, é um forte referencial que influencia a criação de utopias urbanas em outros campos e as tipias nos auxiliam a evidenciar esta contaminação e a dinâmica própria das criações em cada campo específico.

Voltamos a ressaltar a característica dinâmica das *tipias* que tomadas por nós como afectos que se encadeiam ou derivam de uma imagem utópica à outra, seja em seu próprio campo assim como nos outros campos da arte, imprimem à produção utópica um certo ritmo, uma cadência.

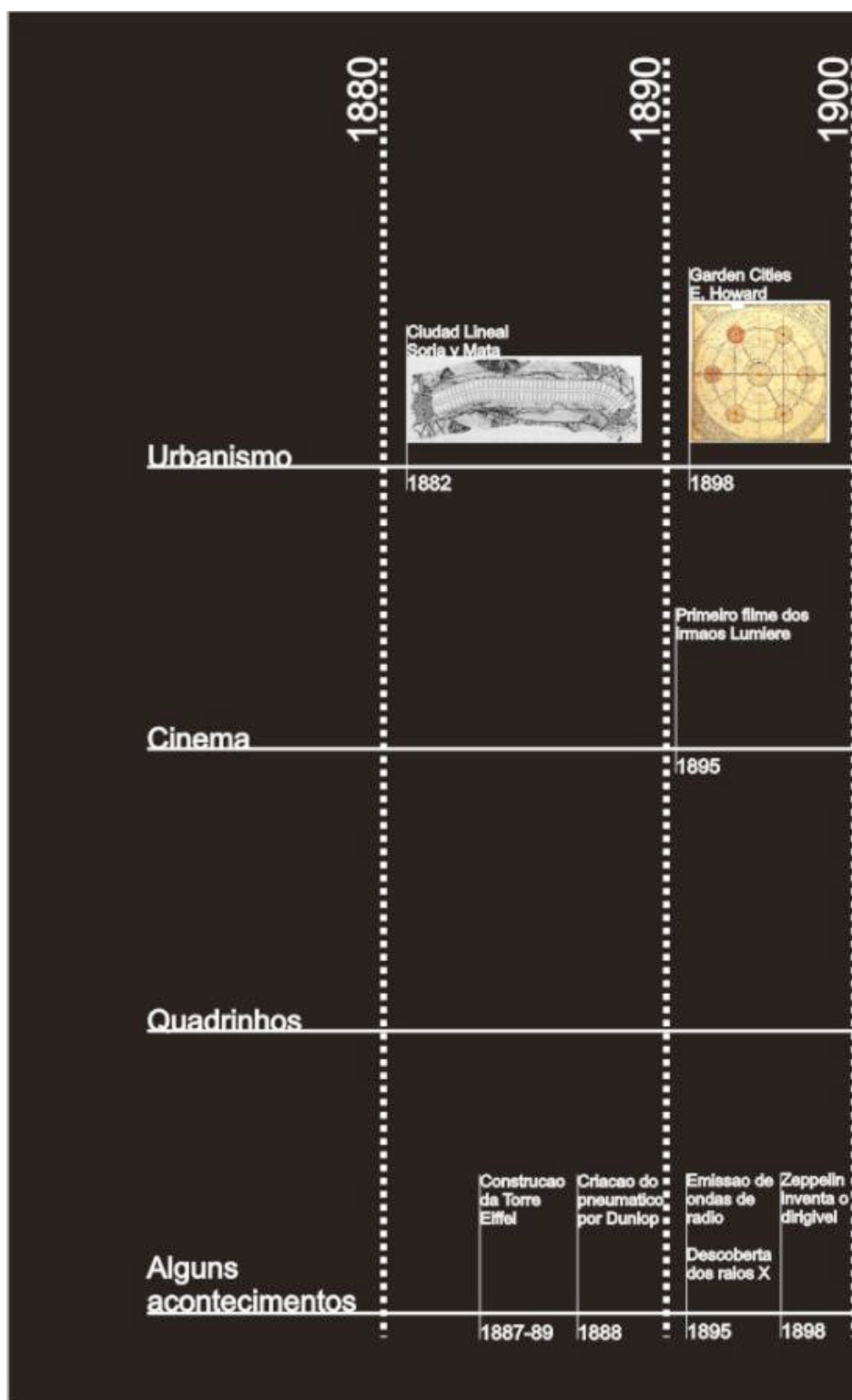
Para cada *tipia*, este elemento da imagem, componente visual dinâmico das utopias urbanas, nós criamos uma *carta-tipia*, que percorre as criações de utopias

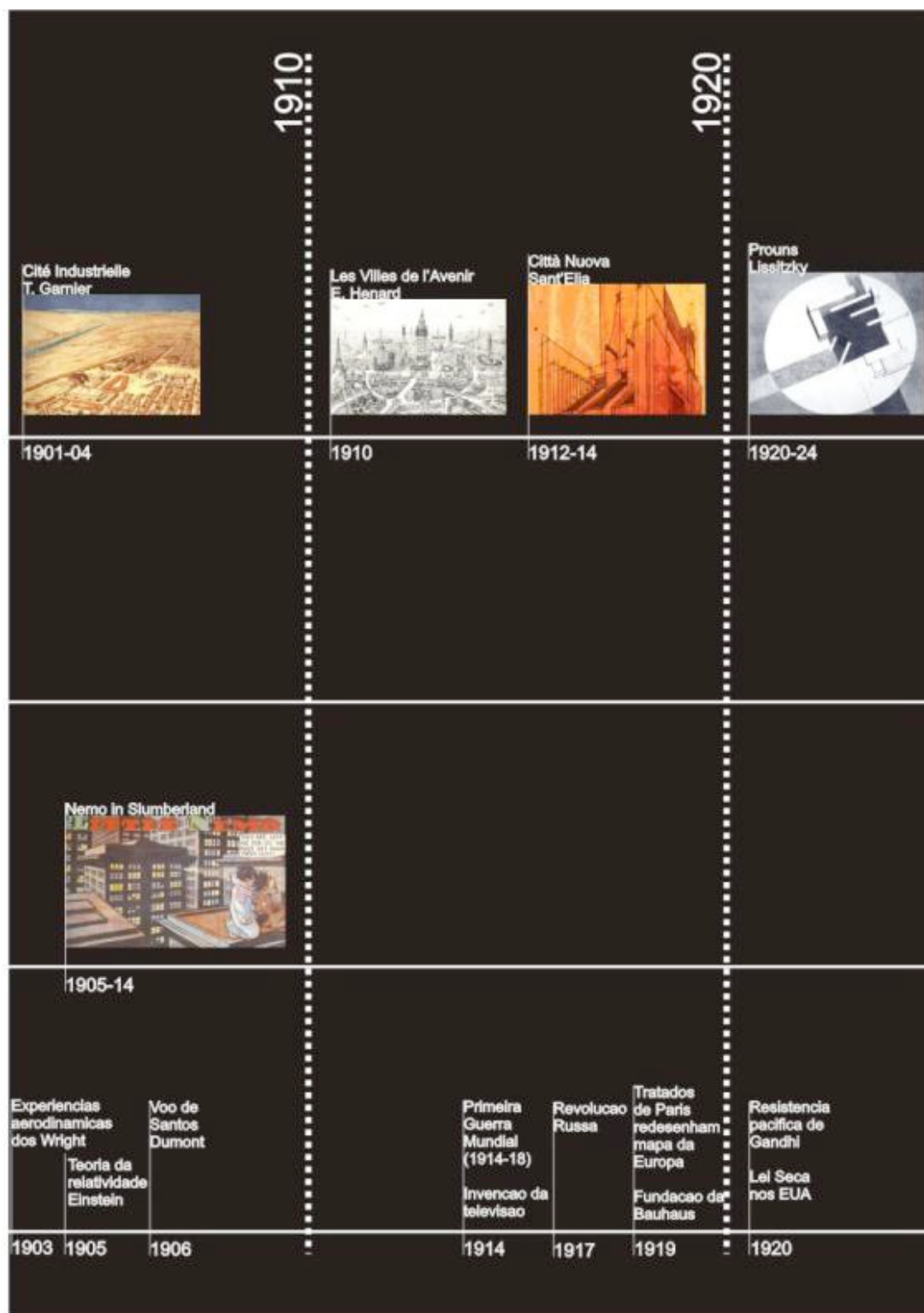
urbanas dos diferentes campos, uma espécie de referência visual de cada *tipia*. Este recurso nos auxilia na evidência da circulação de ideias e imagens “intracampo” e entre os campos artísticos em questão, na tentativa de tornar perceptíveis as ligações estabelecidas pelas diferenciações das utopias urbanas. As *tipias* são seres de sensação, variedades que se transformam, vibram, se enlaçam ou se fendem, dando conta da relação entre as imagens das utopias urbanas.

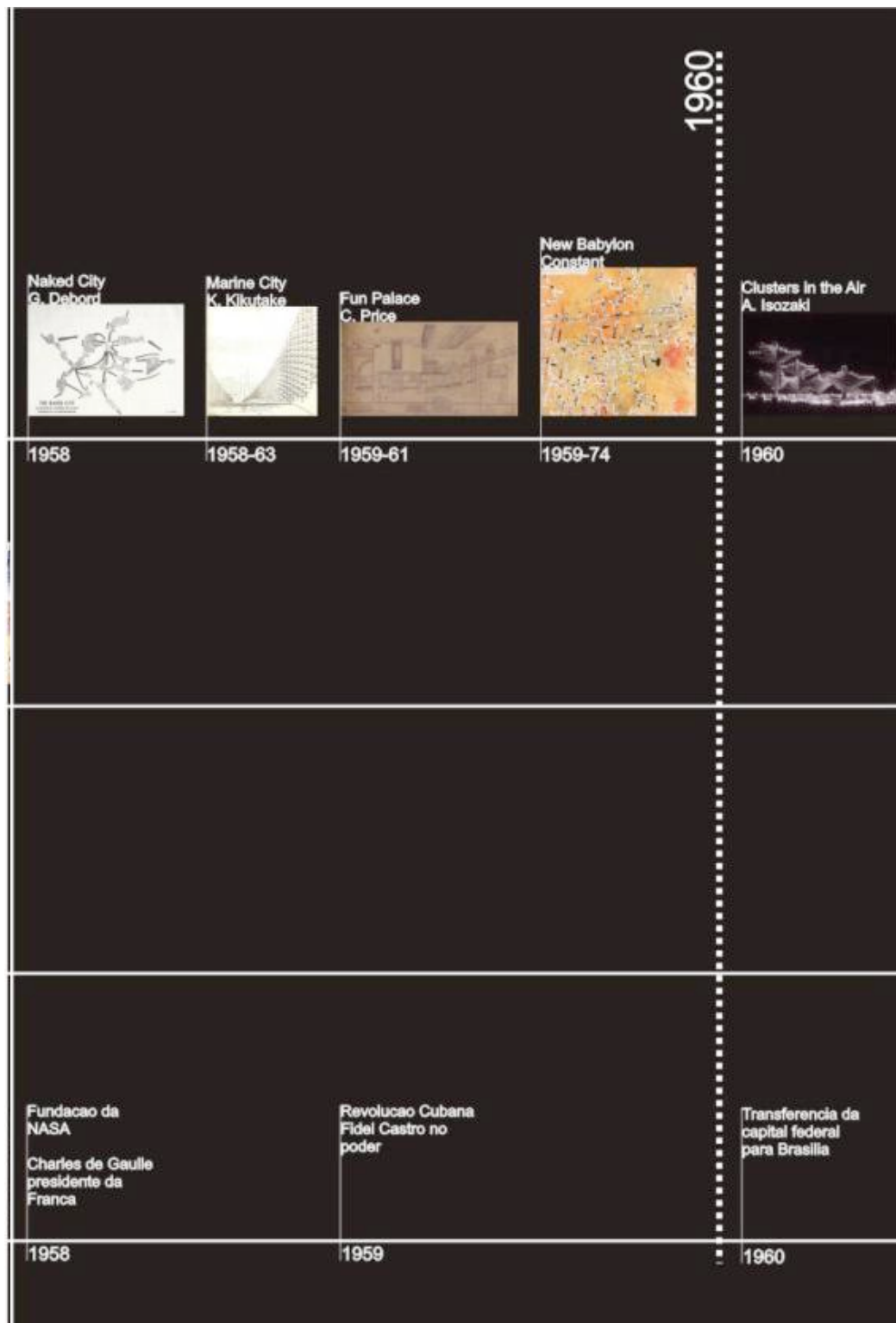
A cada nova criação, a cada nova utopia urbana, as *tipias* foram sendo (re)inventadas e outras foram sendo criadas. Estes componentes foram formando o mencionado repertório utópico, o conjunto de *tipias* e delineando o que chamamos de *utopografia*. Pelos campos aqui contemplados, pode ser percebida a repetição (diferente) deste ato de criação (de utopias urbanas) sempre presente onde percebemos uma clara apropriação e (re)criação das *tipias* a cada nova utopia urbana.

Em cada campo identificamos um acontecimento como marco inicial e a partir deste avançamos na busca pelas utopias urbanas. Iremos mostrar a cartografia, ou melhor, a *utopografia* através de uma cronologia de imagens que reúne os campos do urbanismo, HQ's e cinema, além de uma linha com destaques de importantes acontecimentos da história.

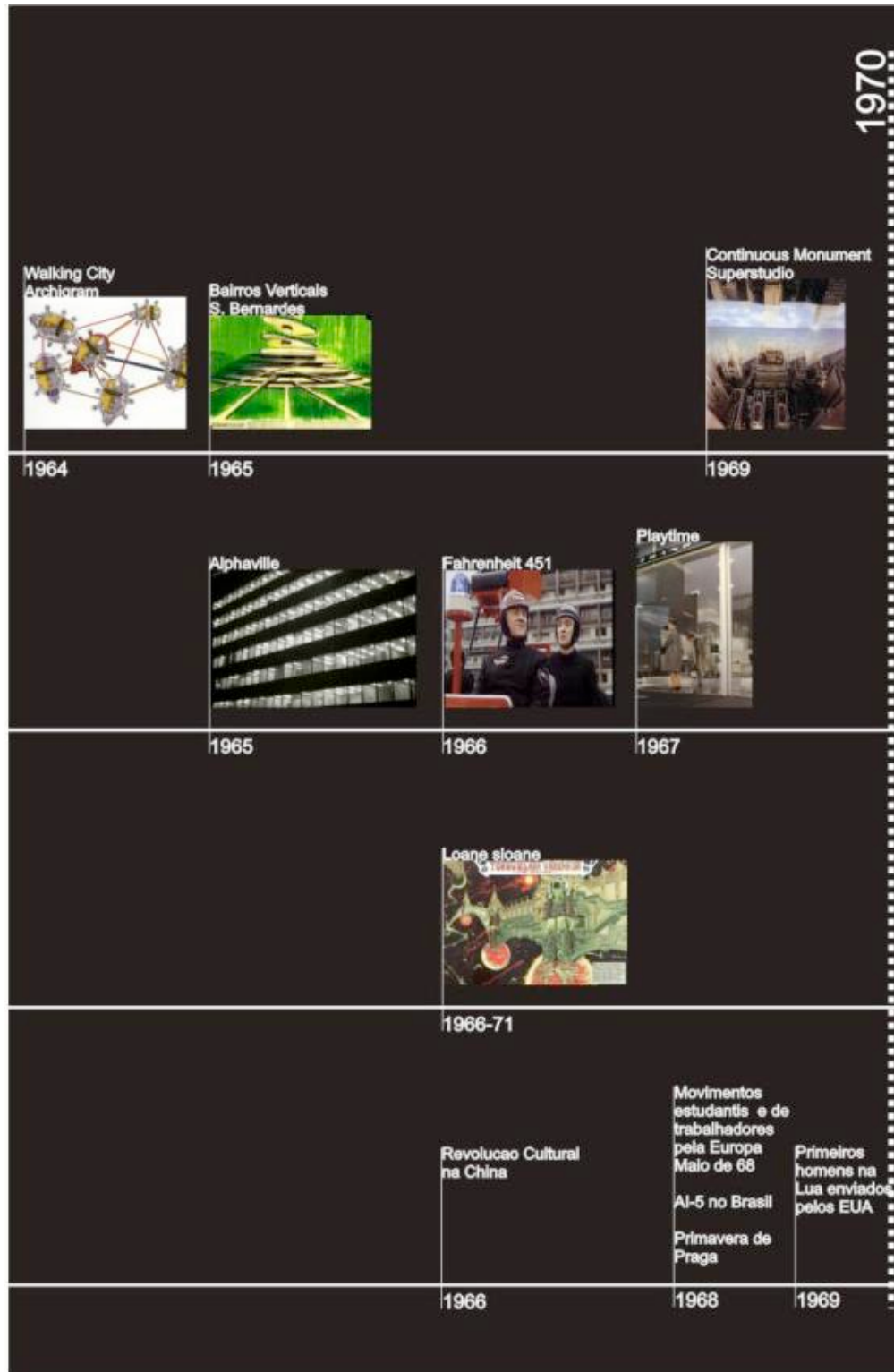
Trazemos em um mesmo plano as utopias urbanas de relevância de três campos: urbanismo, HQ's e cinema. As utopias que aqui se seguem foram escolhidas de acordo com a sua importância, sua repercussão e influência não apenas dentro do próprio campo, como também em outros campos e acima de tudo no pensamento e reflexão sobre as cidades. São utopias urbanas que trazem construções de imagens críticas associadas à formação de todo um repertório de imagens e ideias.

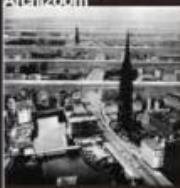


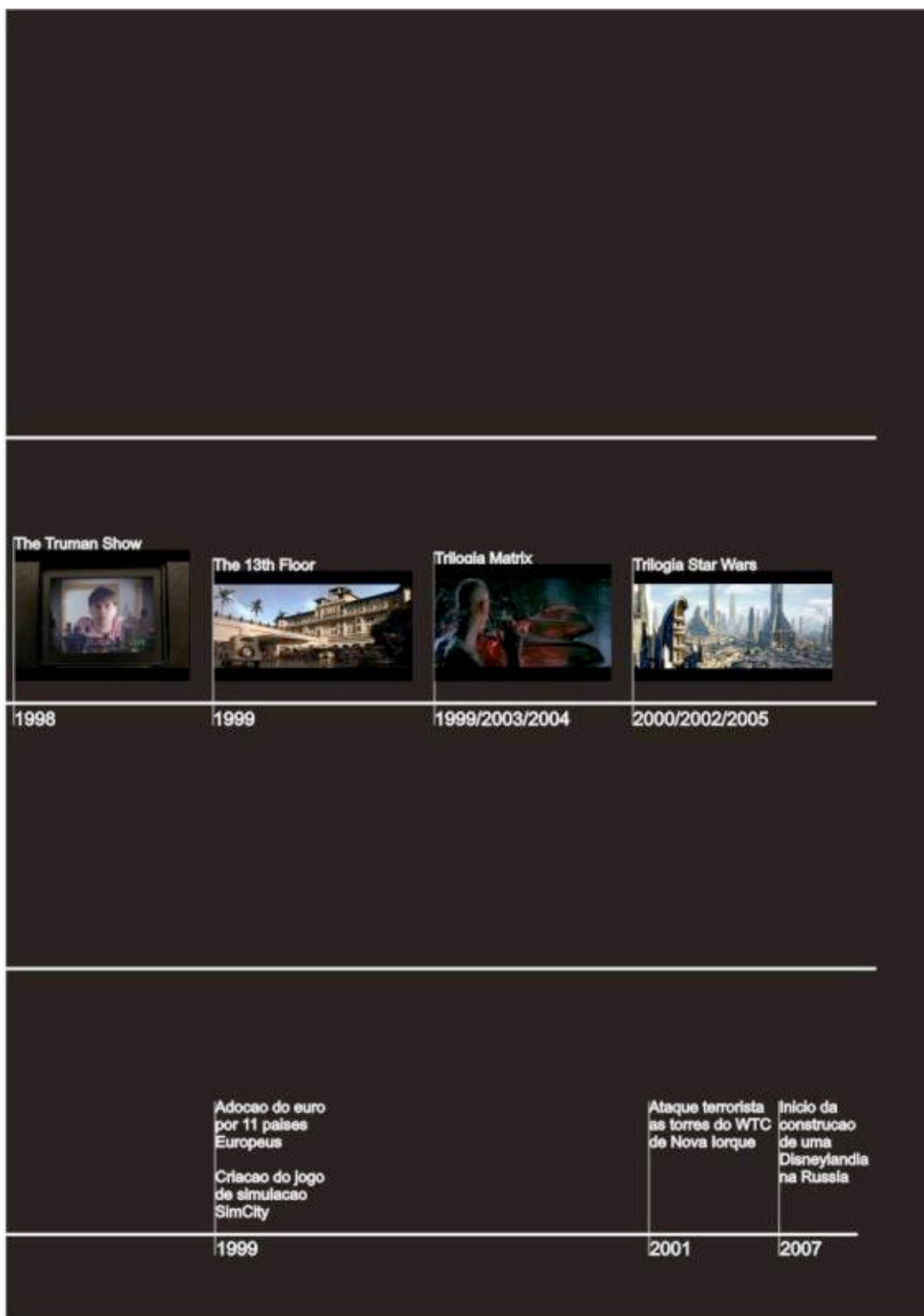




Megaestruturas H. Hollein  1960	Helix City K. Kurokawa  1961	Avião Gaivota S. Bernardes 1961	Instant City Archigram  1962-66	Plug-In-City Archigram  1964
La Jetée  1962				
Construção do muro de Berlim O russo Yuri Gagarin e o primeiro homem no espaço 1961				
EUA mandam tropas de apoio as forças do Vietna do Sul contra os comunistas do Norte Primeiras manifestações da Pop Art 1962				
Golpe Militar no Brasil 1964				



No-Stop City Archizoom				Dodici Città Ideali Superstudio				Exodus OMA							
															
1970				1971				1972							
THX 1138				A Clockwork Orange				Sleeper				Soylent Green			
															
1970				1971				1973				1973			



A dinâmica das utopias urbanas se estende num movimento que atravessa os campos de criação. Um movimento pode ser percebido pela repetição dos gestos criadores de utopias urbanas que acontecem em todos os campos – urbanismo, HQ's e cinema. Estes movimentos são tomados como atualizações onde também são perceptíveis as conexões com as outras criações utópicas.

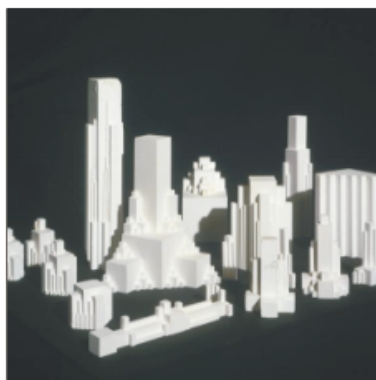
Há uma circulação de ideias tanto “intracampo” como extracampo. Tentamos aqui evidenciar visualmente esta circulação. Muitas vezes as criações de utopias urbanas estão lutando, reagindo contra um mesmo fato, um mesmo acontecimento, assim surgem ideias semelhantes, proximidades e a expressão através de imagens as aproxima ainda mais, pois todo um repertório visual, toda uma bagagem ligada à imagem, assim como às utopias, torna-se visível. Os percursos que mostraremos aqui são apenas alguns dos que fazem parte da tese e todos são prioritariamente gráficos. Nestes percursos tomamos uma *tipia* por vez como fio condutor. Com o avançar de cada trecho da utopografia estabelecido por uma *tipia*, fomos percebendo como estes componentes das utopias urbanas vão sendo (re)criados nos campos do urbanismo, HQ's e cinema, como estes componentes perpassam por todas as disciplinas, compõem diferentes imagens e diferenciam-se a cada nova invenção, à cada nova imagem de uma utopia urbana.

CARTOGRAFANDO E PERSEGUINDO AS UTOPIAS ATRAVÉS DA TIPIA ILHA

A *tipia ilha* é identificada não só com a configuração da utopia urbana como um espaço insular (no sentido geográfico) como também a sua expressão como elemento isolado.



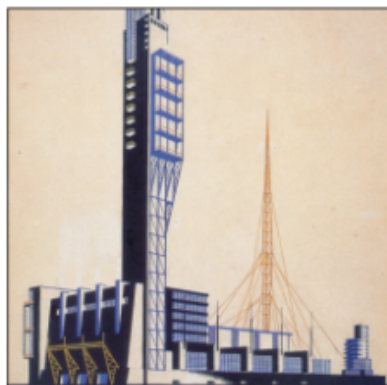
1901-04 Cité Industrielle



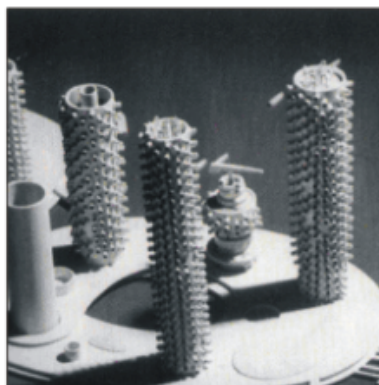
1923 Architectones



1905-14 Nemo in Slumberland



1933 101 Fantaisies Architecturales



1958-63 Marine City



1937 Lost Horizon



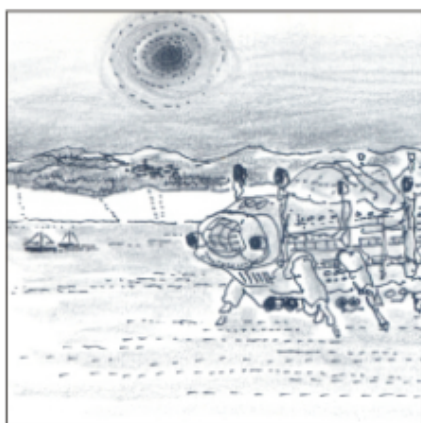
1949 Passport to Pimlico



1938-39 Flash Gordon



1966-71 Loane Sloane



1964 Walking City



1972 Exodus



1976 Logan's Run



1979 Stalker



1975-77 Trilogia Legends d'Aujourd'hui - Litemo



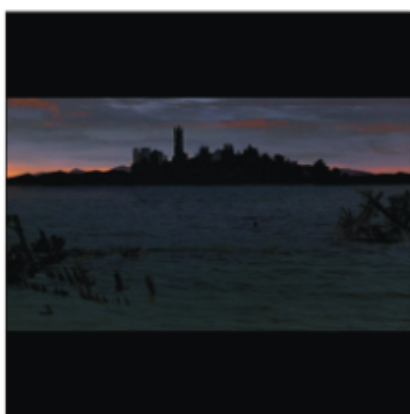
1981 Escape from NY



1985 Brazil



1984-2007 Cités Obscures - Alaxis



1996 Escape from LA



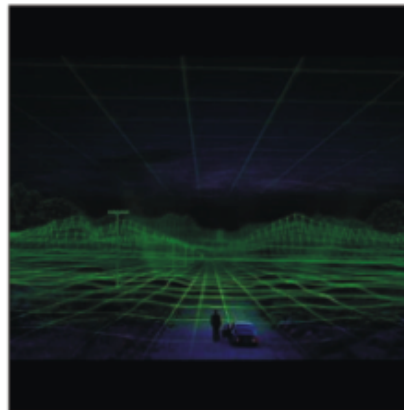
1998 Dark City



1997 Visões de 2020



1998 The Truman Show



1999 The 13th Floor

Como foi colocado por DE CERTEAU (1979:251) a ilha pode ser considerada como uma espécie de presente atemporal, com elementos de passado e futuro e sobre o qual podemos nos colocar a pensar. As ilhas criadas pelas utopias são o “entre”. Em um primeiro momento este “entre” que dizer nem mundo antigo, nem mundo novo. As ilhas são não-lugares fechados, territórios isolados, onde é possível a construção de outro mundo.

A *tipia* ilha é componente das imagens criadas por Tony GARNIER em sua *Cité Industrielle* (1901-04). GARNIER desenhou as quadras residenciais da cidade como pequenas ilhotas¹ (termo utilizado pelo próprio autor) rodeadas por vegetação e ligadas por trilhas e caminhos bucólicos. A imagem da ilha é muito forte na criação das utopias urbanas e pode ser identificada em muitas das obras. Muito se deve ao fato da *Utopia* de MORE (1516), a obra fundadora, apresentar uma ilha circular criada a partir da destruição do istmo que antes a ligava ao continente. Na verdade *Utopia* torna-se uma ilha. Torna-se isolada a partir de uma ação que transforma este país em um não-lugar insular.

A ilha também é componente de algumas das aventuras de *Little Nemo in Slumberland* (1905-14) de MCCAY. Em certas visitas ao país dos sonhos, Nemo o encontra como uma cidade flutuante, cortadas por ruas-canaís, como a cidade de Veneza, muito próxima às imagens criadas por SHUITTEN e PEETERS (1984-2007) para a cidade de Alaxis, alcançada por gôndolas e balsas. A ilha, como formação geográfica pode ser vista em *Escape from New York* (1981) e *Escape from LA* (1996) de CARPENTER. Manhattan é uma ilha e em seu filme, CARPENTER potencializa esta questão do isolamento, da tomada da ilha como objeto isolado e a apresenta como uma prisão de segurança máxima, devidamente fechada por grandes muros, desconectada de toda a civilização e altamente vigiada. Com Los Angeles, CARPENTER ironicamente descreve um terremoto como formador da ilha da Califórnia que com o acidente sísmico se desprende do Continente. Vale aqui aproximar a separação da Califórnia à destruição do istmo de Utopia de MORE (1516) por Utopus, fazendo do pedaço de terra antes integrante do Continente, uma ilha. Tanto *Utopia* como a Califórnia parecem se lançar ao mar, como territórios móveis e não fixos, são territórios que se tornam ilhas. Mas a ilha que mais se aproxima da imagem da *Utopia* de MORE é a criada por NICCOL em *The Truman Show* (1998). Semicircular como *Utopia*, Seaheaven é uma cidade insular isolada do continente. Sua conexão seria feita por uma ponte, mas esta se encontra inacabada, é como o istmo destruído de MORE. Outra utopia urbana que tem como componente a ilha, que é mostrada como um território insular, é *Loane Sloane* (1966-71) de DRUILLET, onde o autor cria a ilha de *Shaan*, único espaço isolado de todo um planeta continente e onde se localiza o grande palácio do tirano imperador em meio à uma exuberante vegetação.

Outra ilha que retoma a forma circular é a cidade de *Dark City* (1998) de PROYAS. Esta imensa ilha densamente construída é limitada por grandes muros, à princípio intransponíveis, fazendo com que os habitantes não saibam que estão em uma cidade-ilha-labirinto. Mais que ilha, esta cidade flutua pelo espaço, é outra ilha que navega pelos ares como um território móvel. Flutuante também é a cidade de *Literno* de BILAL e CHRISTIN em *La croisière des oubliés* (1975), que se desprende do solo e parte em fuga sobrevoando todo e qualquer território. A mobilidade, fazendo da cidade um território movente capaz de instalar-se em qualquer parte, é levada ao extremo nas *Walking Cities* (1964) de ARCHIGRAM. Neste projeto a associação de mobilidade e adaptabilidade faz da grande cidade sobre patas um objeto capaz de se instalar em qualquer parte, pertencendo a lugar nenhum, como

¹ Esta organização das habitações em sistema de ilha ainda foi aprofundada pelo arquiteto em outros projetos posteriores à *Cité Industrielle*.

uma ilha livre, capaz de navegar. Assim também se mostra a cidade-ilha-fortaleza flutuante de Ming, criada por Alex RAYMOND em *Flash Gordon* (1938-39). Capaz de se deslocar e se instalar em qualquer território para fugir de seus inimigos, a cidade de Ming é uma ilha de qualquer lugar, uma ilha movente, como as criadas por ARCHIGRAM, PROYAS e BILAL. A imagem da cidade-fortaleza de RAYMOND pode ser aproximada da imagem criada posteriormente por GILLIAM no filme *Brazil* (1985). Neste filme, GILLIAM em uma das cenas, mostra a cidade como um agrupamento denso e hierarquizado avistado como uma ilha construída no horizonte. Cena esta próxima às criadas por CARPENTER, DELANO e MCCAY.

Assim como fez CARPENTER, DELANO em *Visões de 2020* (1997) toma a ilha de Manhattan como território, mas diferentemente do filme, ele cria um arquipélago formado por megaestruturas incrustado no meio da cidade existente. Suas ilhas são formadas por megaestruturas brancas protegidas e isoladas do espaço urbano existente por muralhas. Vemos esta mesma imagem atualizada no filme *Logan's Run* (1976) de ANDERSON. Grandes estruturas, verdadeiras megaestruturas, os domos brancos isolam e fecham hermeticamente a cidade, cortando qualquer contato (inclusive visual) com seu entorno. A idéia da criação de megaestruturas como ilhas, como outras estruturas independentes e sobrepostas à cidade existente, foi inicialmente desenvolvida pelos Metabolistas. Dentre as criações dos Metabolistas, destacamos a *Marine City* (1958-63), cidade construída como uma ilha onde as megaestruturas são instaladas sobre uma plataforma artificial flutuante.

Tomando a ilha como objeto isolado, podemos aproximar as seguintes utopias urbanas: *Architectones* (1923) de Malevitch, onde o autor elabora suas utopias urbanas como ilhas isoladas, autônomas, ilhas de qualquer lugar e as *101 Fantaisies Architecturales* (1933) de Tchernikhov, que muito próximas às concepções de Malevich mostram-se como ilhas criadas em meio ao vazio. Assim também são as utopias urbanas de *The 13th Floor* (1999) de RUSNAK. Neste filme, as cidades são ilhas modeladas rodeadas por espaços ainda em gráfico, flutuantes em meio ao mar do espaço infinito que é o espaço computacional.

A criação de ilhas, desde o caso da própria *Utopia* como já mencionado, é atualizada de outras formas, como no filme *Lost Horizon* (1937) de CAPRA. Ele cria uma ilha de felicidade e abundância em algum lugar das montanhas do Tibet. Ele mostra a cidade de Shangri-la protegida por uma alta cadeia de montanhas, lugar praticamente inacessível e isolado do ambiente bélico que domina a região. A transformação de uma área em ilha também é mostrada por TARKOVSKY em *Stalker* (1979). Isolada por uma severa vigilância, grades e arame farpado, a área denominada Zona é uma ilha verde (colorida) de desejo em meio a uma cidade degradada (sépia) e abatida pela descrença. Outra criação inusitada de uma ilha é mostrada por CORNELIUS em *Passport to Pimlico* (1949), onde um pequeno território de Londres declara-se autônomo e cercado-se de arame farpado cria limites "deixando Londres do lado de fora". Em meio à cidade de Londres OMA (Koolhaas e Zenghelis), cria sua ilha de refugiados, chamada *Exodus* (1972). Outra megaestrutura implantada em meio à cidade consolidada.

Considerações finais

Percorrendo a produção de utopias urbanas percebemos a dinâmica e as transformações do pensamento utópico ligadas à cidade. As atualizações de utopia mostram como o pensamento se modifica, como as transformações das cidades e da sociedade causam ressonâncias diversas nestas criações utópicas. Acreditamos que ao nos debruçarmos sobre as utopias urbanas e suas imagens nos vários campos da arte, estamos na verdade tocando formas diferentes de pensar, o que

consideramos de grande importância frente a um mundo que cada vez se torna mais complexo. E ainda, para conseguirmos enxergar melhor esta complexidade, dirigimo-nos ao fora, ao lateral, ou seja, à utopia.

A utopia é um tema que muitas vezes é encarado com preconceito, e talvez por isso muitas vezes seja relegado, negligenciado e suas criações sejam muitas vezes vistas como brincadeiras inconsequentes, expressões sonhadoras e sem importância. A criação de utopias urbanas diretamente relacionada aos dispositivos de crítica, resistência e desejo em certos períodos é deixada de lado, a sua importância como exercício crítico é deixada de lado.

Podemos visualizar estas variações na cronologia ilustrada, quando acontecem grandes intervalos em consequência de situações diversas como guerras, revoluções, crises econômicas, crises do próprio campo de expressão... Mas o importante é ver que esta produção, que a criação de utopias urbanas nos acompanha, partindo muitas vezes em linhas de fuga, outras em linhas de destruição, mas o pensamento utópico está sempre presente, abrindo o pensamento, alargando os horizontes, mudando os pontos de vista.

A utopia é aberta e dinâmica, adaptável e variada. Suas atualizações acontecem frente a uma complexidade de situações, acompanham as mudanças das cidades, da sociedade, da política... do próprio pensar. A utopia ressoa as transformações do pensar. Diferentes épocas, lugares, condições, tendências, campos, impulsionaram as criações de diferentes espaços laterais, de diferentes utopias urbanas. Mais fácil hoje relacionarmos as utopias com a mutabilidade, com a mobilidade frente à evolução das tecnologias da informação e da comunicação. As cidades estão se transformando de maneira cada vez mais acelerada e ao olharmos para as utopias urbanas, para todas as imagens contidas neste trabalho, vemos o acompanhamento das utopias a estas transformações. Visualizamos uma impregnação, uma repetição (diferente), uma contaminação, uma verdadeira circulação de imagens e ideias percebidas nas atualizações das utopias a cada nova criação.

Nos últimos anos grandes exposições sobre as utopias tem sido montadas, novas publicações tem surgido e as utopias urbanas dos anos 1950-60 criadas no campo do urbanismo, principalmente, tem voltado a circular. Talvez isso seja um indício de que estejamos precisando de novas de utopias frente a este mundo que tem se transformado drasticamente, de outras críticas à sociedade de consumo, à alienação, à globalização, à aceleração sem precedentes, a proliferação de projetos arquitetônicos como marca, da multiplicação das *gated-cities*, da importação e exportação de modelos e de planos estratégicos. Há um claro esvaziamento de utopias urbanas no campo do urbanismo. A criação persiste no cinema e nas HQ's, mas perguntamos: por onde andam as utopias urbanas hoje? O incremento de novas técnicas e tecnologias impulsiona o campo cinematográfico e nos levam a outros novos campos de criação, como os videogames.

A experimentação de vidas paralelas na rede avançam ainda mais neste caminho, gerando cidades, países, todo um outro universo resultado de criações coletivas. São utopias urbanas coletivas, criadas e modificadas incessantemente por

centenas e até milhões de usuários dos *avatares*² que circulam pelo *Second Life*³ e pelo *Sims Online*, construindo e compondo outros lugares, estabelecendo outras relações, num espaço cibernético infinito.

A criação de utopias urbanas não coloca apenas em evidência a cidade, elas criam todo um outro universo que se conecta às criações utópicas, que dialogam entre si, se relacionam com todas as formas de expressão da utopia e suas singularidades. Estas imagens, estes “blocos de sensações”, trazem uma multiplicidade de relações temporais e espaciais entre outras. Nosso trabalho nos levou a buscar outras entradas e saídas do pensamento sobre as cidades através da criação de utopias urbanas em várias disciplinas. Buscamos elaborar uma cartografia das utopias urbanas, uma utopografia, encarando a criação das utopias como um jogo inventivo e dinâmico que envolve vários campos de saber, outras formas de pensar e criar. O pensar sobre as cidades e as utopias aberto a vários campos, considerando diversas formas de expressão, aqui em especial a criação de imagens é um pensamento livre de barreiras disciplinares e capaz de evidenciar toda a complexidade, a mutabilidade e constante transformação tanto das cidades, como dos campos do pensar e criar.

Vemos como um dos nossos desafios como urbanistas hoje, frente ao nosso universo, nossas cidades e nossos comportamentos, que respondem majoritariamente a processos dinâmicos não lineares e aparentemente caóticos, a produção, a criação de outras formas de abordagem e de ação em ressonância com as próprias manifestações desta outra ordem que estamos vivenciando.

Nosso desafio é criar muito além de figurações e formas pré-determinadas, criar dispositivos precisos ao mesmo tempo abertos ao imprevisto, inventar dispositivos táticos. Produzir a partir de uma diferente atitude criativa, livre de todo preconceito, capaz de favorecer redefinições de uma realidade aberta a colisão de forças e referências.

Frente a esta maciça cultura da imagem, uma realidade onde se impõe uma lógica ligada ao consumo de imagens como signos e publicidade, uma reação verdadeiramente positiva não poderia apenas se limitar à ordem da resistência estética, mas deveria assumir as ordens táticas e de comunicação. Agir com a combinação de trocas e surpresas, criar outras imagens provocantes e estimulantes, distanciando-se da banalização ou codificação.

Nosso desafio é retomar um urbanismo reativo, não só pelas formas, estruturas, espaços e soluções apresentadas, mas igualmente às atitudes, sensibilidades, discussões e trocas que a criação estimula. Um urbanismo em devir, pleno de desejo, crítica e resistência.

Bibliografia

BACZKÖ, Bronislaw. 1978 *Lumières de l'utopie*. Paris : Éditions Payot & Rivages, 2001.

BERNARDES, Sergio. “Vanguarda: prospectiva e busca” in: *Revista Cultura*, nº 1. Editora Vozes, jan.-fev, 1970.

2 Nome dado ao “personagem” assumido pelo jogador dentro dos jogos de simulação.

3 Ressaltamos aqui a presença de certas formas de organização espacial dentro do Second Life que nos impressionaram: já existe uma *gatedcity* virtual, único espaço dentro da simulação de acesso restrito e também frente a uma quantia (nada módica) é possível um jogador/avatar criar uma ilha particular de acordo com suas vontades. É a especulação imobiliária e a segregação espacial revertidas para uma realidade paralela.

- BLOCH, Ernst. 1959 *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda, 2006 (1ª edição). 2v.
- BORSI, Franco. *Architecture and Utopia*. Paris : Éditions Hazan, 1997.
- CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo. Sobre a teoria da Arquitetura e do Urbanismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985, série estudos.
- DADOUN, Roger. *L'utopie, haut lieu d'inconscient*. Paris : Sens&Tonka, 2000.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1980a *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1980d *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol4. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1991 *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992 (1ª edição).
- DELEUZE, Gilles. 1968 *Diferença e Repetição*. São Paulo: Edições Graal, 1988.
- LEFEBVRE, Henri. 1974 *La production de l'espace*. Paris : Anthropos, 2000 (4ª édition).
- MARCUSE, Herbert. *La fin de l'utopie*. Paris : Éditions du Seuil, 1968.
- MARIN, Louis. « Frontières de Utopia ». in : *Nouvelles de Nulle Part. Utopies Urbaines 1789-2000*. Valence : Réunion des Musées Nationaux, 2001.
- MARIN, Louis. *Utopique: jeux d'espaces*. Paris : Éditions du Minuit, 1973.
- MORE, Thomas. 1516 *A Utopia*. Rio de Janeiro : Ediouro, 1995 (21ª edição).
- NOUVELLES de Nulle Part. Utopies Urbaines 1789-2000*. Valence : Réunion des Musées Nationaux, 2001.
- RAULET, Gérard. « L'utopie est-elle un concept ? » in : *Lignes n°17*. Paris : Hazan, 1992.
- SCHAER, Roland. « L'utopie, le temps, l'espace, l'histoire » in : *Utopie, la quête de la société idéale en Occident*. BNF/Paris : Fayard, 2000, p.16-19.
- SCHÉRER, René ; LAGASNERIE, Geoffroy. *Après tout. Entretiens sur une vie intellectuelle*. Paris: Éditions Cartouche, 2007.
- SCHÉRER, René. « Philosophie et Utopie ». in : *Lignes n°17*. Paris: Editions Hazan, 1992.
- SCHÉRER, René. 1996 *Utopies Nomades*. Paris: Nouvelles Éditions Séguier, 2000.
- SCHÉRER, René. *Regards sur Deleuze*. Paris: Éditions Kimé, 1998.
- TOWER-SARGENT, L. et SCHAEER, R. (dir.) *UTOPIE. La quête de la société idéale en Occident*. Paris : BNF/Fayard, 2000.
- TROUSSON, Raymond. 1998 *D'utopie et d'utopistes*. Paris : L'Harmattan, 1999 (2ª édition).
- VAN SCHAIK, Martin ; MÁČEL, Otakar (ed). *EXIT UTOPIA. Architectural Provocations 1956-76*. Munich: Prestel Verlag, 2005.